

## NOTICIÁRIO

De 5 a 10 de outubro do ano passado, realizou-se nesta cidade do Rio de Janeiro, o COLÓQUIO INTERNACIONAL DA LÍNGUA PORTUGUESA LITERÁRIA, promovido pelo Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu Literário Português, sob os auspícios desta tradicional e benemérita instituição de ensino.

A sessão inaugural realizou-se no dia 5 de outubro, às 10:30 h, no salão nobre do Liceu Literário Português. A mesa diretora dos trabalhos foi composta pelo Dr. Antônio Gomes da Costa, Presidente do COLÓQUIO, Dr. Leonardo Mathias, Embaixador de Portugal, Dr. José Guilherme Stichini Vilela, Cônsul Geral de Portugal no Rio de Janeiro, Prof. Antônio Houaiss, atual Ministro da Cultura, Dr. Sérgio Lopes, Diretor Geral da TAP Air Portugal, Dr. Francisco Falcão Machado, Cônsul Geral de Portugal em São Paulo, Dr. José Augusto Seabra, atualmente Embaixador de Portugal na Índia, Dr. Aníbal Pinto de Castro, Diretor da Biblioteca da Universidade de Coimbra, Dr. Antônio Maria Ornelas O. Mendes, representante do Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, Prof<sup>a</sup> Cleonice Berardinelli, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Prof. Sílvio Elia, membro da Diretoria do Instituto de Língua Portuguesa e, **last but not least**, Prof. Dr. Eugênio Coseriu, da Universidade de Tübingen, Alemanha, a quem coube abrir as atividades culturais do COLÓQUIO.

O tema da conferência do Prof. Coseriu foi o próprio conceito de *Língua Literária*. Com a profundidade e clareza de sempre, o Prof. Coseriu literalmente empolgou o seletto auditório que lotava o amplo salão nobre do Liceu, o que se traduziu no calor dos prolongados aplausos ao final da sua brilhante exposição. Na abertura dos trabalhos, falou também o Dr. José Augusto Seabra, então Embaixador de Portugal na UNESCO e reconhecidamente um dos nomes mais relevantes da intelectualidade portuguesa contemporânea. O tema, da maior oportunidade, versou sobre *A língua portuguesa nas organizações internacionais* e despertou o maior interesse, não só pelo conhecimento direto da matéria do expositor, mas também, e talvez principalmente, pelas argutas observações que fez a respeito.

Por brevidade, iremos apenas relacionar os nomes e temas dos demais conferencistas das sessões plenárias: Ângela Vaz Leão, da Universidade Federal de Minas Gerais, *A recuperação do português arcaico na língua literária contemporânea*; Paul Teyssier, da Universidade Paris / Sorbonne, *Os autos de Gil Vicente como documentos lingüísticos*; Ivo Castro, da Universidade de Lisboa, *Filologia Pessoaana*; Maria do Carmo Henríquez Salido, da Universidade de Vigo, Espanha,

*A língua galego-portuguesa e suas relações com a língua portuguesa*; Aníbal Pinto de Castro, da Universidade de Coimbra, *A formação da língua literária no século XVI*; Maximiano de Carvalho e Silva, da Universidade Federal Fluminense, *Contribuição da Crítica Textual ao estudo da língua literária*; José Herculano de Carvalho, da Universidade de Coimbra, *Difundir e ilustrar a língua portuguesa*; Leodegário A. de Azevedo Filho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, *A relatinização do português quinhentista*. O Prof. Giuseppe Tavani, da Universidade La Sapienza de Roma, que deveria falar sobre *Retrospectivas e perspectivas da Crítica Textual aplicada à poesia lírica galego-portuguesa*, não pôde comparecer, por motivo de doença grave em pessoa da família.

As "comunicações programadas" foram proferidas pelos professores a seguir relacionados juntamente com os respectivos temas: Sônia Maria van Dijck Lima, Universidade Federal da Paraíba, *A prática do palimpsesto: leitura textual plural*; Telmo Verdelho, da Universidade de Aveiro, *A escrita literária e os dicionários na história da língua portuguesa*; Onésimo Teotônio Almeida, Brown University, USA, *Das excelências axiológicas do Bremonismo ou em jeito de Manifesto pelo Regresso do Vernáculo*; Adrien Roig, Universidade Paul Valéry, França, *A linguagem de Mário de Andrade em Paulicéia Desvairada*; Cleonice Berardinelli, Universidade Federal do Rio de Janeiro, *O jovem Antero*; Brian F. Head, State University at Albany, USA, *A obra de Cornélio Pires como fonte de informações sobre o dialeto caipira*; Eneida do Rego Monteiro Bomfim, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, *Co-ocorrência de elementos de ligação no português antigo*.

Houve duas mesas-redondas. A primeira sobre *A Língua Portuguesa No Mundo Afro-Oriental*, presidida pelo Prof. Antônio Basílio Rodrigues, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, contou com a participação dos professores Maria Helena Sousa Lobo (Cabo Verde), Ângelo Carrasco (Angola), Jin Guo Ping (China), Inês Machungo (Moçambique) e Odete Semedo (Guiné-Bissau). A segunda, sobre *A linguagem de Graciliano Ramos*, esteve sob a presidência do Dr. Fernando Cristóvão, da Universidade de Lisboa e contou com a participação dos professores Gilberto Mendonça Teles, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Adriano da Gama Kury, Chefe do Setor de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa.

A Prof<sup>a</sup> Giulia Lanciani, da Universidade La Sapienza, Roma, não pôde comparecer em virtude de doença grave em pessoa da família.

Houve muitas comunicações livres, das quais destacamos algumas, a título exemplificativo do excelente nível em que decorreram as atividades do COLÓQUIO: Heitor Megale, *Os textos arturianos galaico-portugueses*; Fernando Ozorio Rodrigues, *Um contista do séc. XVI: Gonçalo Fernandes Trancoso*; Jairo Dias de Carvalho, *O parágrafo literário*; Antônio João Silvestre Mottin (Irmão Elvino Clemente), *Língua literária e crítica*; Pierre F. G. Guisan, *Uma comunidade em perigo; os Kristang de Malaca*; Luiz Marques de Souza, *Paráfrase pragmática no léxico e no discurso*.

As *Atas* do COLÓQUIO, estão programadas para publicação ainda no decorrer do presente ano de 1993.

A Comissão Organizadora estava constituída pelos professores Sílvio Elia, Gladstone Chaves de Melo, Evanildo Bechara, Maximiano de Carvalho e Silva e Antônio Basílio Rodrigues, sob a presidência do Dr. Antônio Gomes da Costa, Presidente do ILP e do Liceu Literário Português.

O êxito do COLÓQUIO foi total e a sua programação decorreu em ambiente da maior cordialidade, interesse e prazerosa convivência, de que é testemunho o número crescente de participantes a partir da data da sessão inaugural. Nem podemos esquecer, no particular, a festiva noite folk-lórica proporcionada pela Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria, bem como a valiosa cooperação do R. S. Club Ginástico Português.

O COLÓQUIO não contou com o apoio de nenhuma entidade oficial brasileira, que, em verdade, não foi solicitado. Tornou-se assim notável exemplo do que podem realizar entidades particulares, quando, à sua frente, se encontram pessoas capazes, conscientes de seus deveres para com o progresso cultural do país, movidas tão somente pelo ideal de engrandecer a terra onde plantaram as suas energias criadoras.

Não se pode, porém, descansar sobre os louros obtidos. É de esperar, portanto, que o Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu Literário Português, prossiga na consecução de suas metas de aproximação cultural dos povos de língua portuguesa e que assim novos e frutuosos congressos possam contribuir para a consolidação da Comunidade Internacional das Nações Lusófonas, ora na cogitação das autoridades brasileiras, portuguesas e africanas.

\*\*\*

Assumiu o Ministério da Cultura o Embaixador Antônio Houaiss. Filólogo de reconhecidos méritos, o Prof. Antônio Houaiss muito tem cooperado no sentido de crescente e cada vez mais estreita aproximação cultural Brasil-Portugal. Ainda recentemente foi o principal artífice do novo Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro, a que deram adesão os jovens países africanos de língua oficial portuguesa. Aprovado em Portugal pela Assembléia da República, no Brasil adormece nas gavetas de nosso Parlamento.

Recepcionado por colegas e amigos com um jantar no restaurante Sol e Mar, no qual foi saudado pelo escritor Guilherme Figueiredo, foi também homenageado no jantar de fim-de-ano do P.E.N. Clube do Brasil, falando então pela entidade o seu Presidente, Prof. Marcos Almir Madeira.

Convidado mais de uma vez pelo Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu Literário Português, a participar de seus atos culturais, como ocorreu por ocasião do COLÓQUIO INTERNACIONAL DA LÍNGUA PORTUGUESA LITERÁRIA, Antônio Houaiss foi sempre a presença prestigiosa e amiga, a fortalecer os laços de cultura que nos prendem às raízes lusitanas.

\*\*\*

Acompanhando o Embaixador José Aparecido de Oliveira a Portugal e assessorando-o em seu trabalho em prol de uma constante e viva cooperação entre os dois países, esteve recentemente em Lisboa o poeta, escritor e acadêmico Ledo Ivo.

Visitou várias instituições culturais, manteve contatos importantes, entre outros com o Presidente do Instituto Camões, Luís Adão da Fonseca, e com o próprio Presidente da República, e mereceu cativante atenção da imprensa lusa.

Foi entrevistado pelo *Diário de Notícias*, pelo *Jornal de Letras* (JL), pelo periódico *Cultura*. Ao *Jornal de Letras*, onde se disse representante da Academia Brasileira, quando interrogado, a respeito de uma possível ameaça à unidade da língua portuguesa assim se pronunciou: "Acho que há uma superlíngua portuguesa, que deve ser a língua comum, a língua de diálogo dos povos comuns; e há as línguas portuguesas de Portugal, a língua portuguesa do Brasil, a língua portuguesa de Angola, a língua portuguesa de Moçambique, a língua portuguesa de Cabo Verde. Nesta imensa variedade é que está o grande vigor da língua portuguesa".

Em termos mais restritamente lingüísticos, poderíamos assim interpretar o que o Poeta viu ou entreviu com lucidez: A "superlíngua portuguesa" é a **língua de cultura**, aquela que serve para exprimir as mais nobres aquisições do saber dos povos que se utilizam do mesmo sistema lingüístico; é a língua veicular da cultura desses povos. E as "línguas" diferenciadas segundo os países que dispõem da mesma língua comum são as diferentes **normas** que, dentro do mesmo sistema lingüístico, o processo histórico vai sedimentando ao longo dos séculos. Sem quebra da unidade

fundamental, é bom sublinhar (pois, do contrário, teríamos não outra norma e sim outra língua).

Poeta e Linguísta encontraram-se, ao termo de suas rotas convergentes. É que o erro é múltiplo, mas a verdade uma só.

\*\*\*

O dia 4 de março assinalou a passagem do centenário de nascimento de um dos mais brilhantes cultores da Filologia e da Linguística Portuguesas no Brasil, Antônio Martinz (com z, conforme passou a escrever) de Aguiar.

Nascido em Floresta, município do então Soure, hoje Caucaia, aos 4 de março de 1893, Martinz de Aguiar fez todos os seus estudos em Fortaleza e cedo se tornou jornalista, colaborador de *Universitário*, órgão dirigido por João Brígido. Com a ajuda de seu irmão José Lopes de Aguiar, aprofundou os segredos do latim, do francês, do espanhol e particularmente do português, disciplina em que se tornou mestre consumado, na plêiade dos maiores que o Ceará já nos legou em todos os tempos. Professor catedrático do Liceu do Ceará com uma tese cheia de novidades para a época (*Repasse crítico da gramática portuguesa*, Fortaleza, 1922), trabalho que passou toda a vida revendo e ampliando para uma segunda edição, que pensava publicar com o título de *Relance*. Do que é esta nova versão do *Relance*, basta ler o longo artigo "Fonética do português do Ceará" (*Revista do Instituto Histórico do Ceará*, nº 51, Fortaleza, 1937, págs. 271-307).

Foi ainda catedrático de português e francês do extinto Colégio Militar do Ceará. É numerosa e sempre substancial sua colaboração em revistas e jornais, e alguns desses artigos estão enfeixados em *Notas e estudos de português* (Fortaleza, 1942; 2ª ed., Rio de Janeiro, 1971). Seu nome e fama ganharam maior divulgação no Sul do país, depois de uma citação encomiástica do *Repasse* feita por João Ribeiro na sua *Gramática*, curso superior, relativamente à definição de advérbio. A Organização Simões editou as *Notas de português de Filinto e Odorico* (1955), livro repleto de preciosas lições acerca do nosso idioma.

Pertenceu à Academia Cearense de Letras de que foi, em certa época, o principal esteio.

Acham-se esparsos em revistas eruditos trabalhos como, entre outros, *Cirandas infantis*, *A linguagem da Academia Cearense de Letras*, *Estudos de filologia geral e dialetal portuguesa*, *Os sinais de Galvão*.

Em 1940 foi distinguido pelo governo brasileiro com a Medalha de Prata, comemorativa do cinquentenário da Proclamação da República; em 1956, pelo governo estadual, com a Medalha de Bronze comemorativa do 111º aniversário de fundação do Liceu do Ceará; no dia 29 de maio de 1969 foi-lhe conferido o título de Doutor Honoris causa pela Universidade Federal do Ceará. Esposo amantíssimo de

D. Ofélia Cavalcante de Aguiar e pai dedicadíssimo, tem no filho Alcimo de Aguiar um entusiasta da sua obra, que reuniu com vistas a uma publicação integral.

Como justa homenagem, o Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará promoveu a realização de um **Seminário sobre as idéias lingüísticas de Martinz de Aguiar: repasse crítico**, de 26 e 27 de novembro de 1980. A operosa Academia Cearense da Língua Portuguesa escolheu-o para patrono da Cadeira nº 1, cujo titular é o Prof. Arnaldo Vasconcelos, atual presidente da instituição.

Na passagem deste centenário acreditamos ser a quadra propícia para que venha à luz a edição das obras do mestre e amigo Martinz de Aguiar, honra do patrimônio cultural do Ceará e do Brasil.

\*\*\*

Ao ensejo da visita ao Rio de Janeiro do Senhor Secretário de Estado da Cultura de Portugal, Dr. Pedro Santana Lopes, a Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras ofereceu-lhe um jantar, ao fim do qual discursaram o Dr. A. Gomes da Costa e o homenageado, enfatizando o trabalho da Federação e de instituições portuguesas em prol da cultura de Portugal e do Brasil. Do evento é o instante abaixo.



Da esquerda para a direita, os Profs. Drs. Leodegário A. de Azevedo Filho, Maximiano de Carvalho e Silva e Gladstone Chaves de Melo, Dr. Pedro Santana Lopes, Dr. Antônio Gomes da Costa, Profs. Drs. Sílvio Elia, Evanildo Bechara e Malaca Casteleiro, este da comitiva oficial portuguesa.

No dia 19 de maio, tomou posse a nova Diretoria do Liceu Literário Português, presidida pelo Dr. Edson Chini. Ao nosso Presidente e à sua equipe *Confluência* formula os melhores votos de sucesso e realizações à frente da benemérita instituição, e aproveita a ocasião para agradecer ao Dr. A. Gomes da Costa e à Diretoria que agora é substituída o apoio permanente e a decisiva atuação em favor do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português.

\*\*\*

O último novembro encontrou de luto a família filológica de Portugal e do Brasil: no primeiro dia nos deixou Manuel de Paiva Boléo e no dia dezoito foi a vez de Edith Pimentel Pinto.

Ambos dedicaram suas vidas ao amor, cultivo e investigação da língua portuguesa, e dessa atividade resultaram trabalhos importantes que lhes assinalam lugar de relevo no quadro dos cultores da Filologia Portuguesa.

O Doutor Manuel de Paiva Boléo, nascido a 26 de março de 1904, em Idanha-a-Nova, ingressou cedo no magistério liceal e daí alçou posição de relevo como catedrático da Universidade de Coimbra. Também cedo, como leitor da Universidade de Hamburgo, entrou em contato com o que de melhor se fazia na Alemanha e no resto da Europa no campo das investigações lingüísticas. Desse proveitoso contato resultou um relatório exaustivo, *Orientações da Filologia Românica na Alemanha e o Seminário Românico de Hamburgo* (Coimbra, 1931), repleto de projetos e planos a serem desenvolvidos em Portugal, especialmente em Coimbra. A essa quadra floresciam as pesquisas dialectológicas, a geografia lingüística, o método de **Palavras e Coisas**, a estilística; não sem razão, podemos apontar esses aspectos como os pontos altos do interesse que o Doutor Boléo revela em sua extensa obra. O Seminário Românico de Hamburgo, tendo à frente a inspiração e o exemplo de Fritz Krüger, marcou indelevelmente os traços do futuro pesquisador que conseguiu, através dos anos, arregimentar discípulos e fazer escola, hoje bem representada nos catedráticos de Filologia Românica e Portuguesa da Universidade de Coimbra e das instituições de ensino superior aonde alcançam sua ação e seu prestígio acadêmico.

Extremamente metódico na investigação e nos registros dos fatos, preocupou-se com levar a seus discípulos o rigor do método e do trabalho científicos, escrevendo acerca da matéria preciosos artigos e livros. Daí resultava também seu interesse pelo embasamento bibliográfico, como nos dá mostra a *Introdução ao estudo da Filologia Portuguesa* (Lisboa, 1946).

Ao lado das pesquisas dialectológicas, cultivou a língua escrita literária e soube auscultar-lhe também os segredos e potencialidades, conforme atestam *Língua falada, lógica e clássicos. A propósito da discussão "Um dos que..."* (Coimbra, 1935), *O realismo de Eça de Queiroz e a sua expressão artística* (Coimbra, 1942).

Consciente da diversidade diastrática e diafásica do idioma, não desdenhou os fatos aí correntes e a metodologia respectiva; a discussão e reflexão desses temas estão em trabalhos como *A metáfora na língua portuguesa corrente* (Coimbra, 1935), *O interesse científico da linguagem popular* (Lisboa, 1943), *Brasileirismos – Problemas de método* (Coimbra, 1943), *Filologia e História. A emigração açoriana para o Brasil* (Coimbra, 1945).

O campo da estilística, entre outras obras acima citadas, foi trabalhado com mais aprofundamento em *Tempos e modos em português. Contribuição para o estudo da sintaxe e da estilística do verbo* (Lisboa, 1935) e *O perfeito e o pretérito em português, em confronto com as outras línguas românicas* (Estudo de caráter sintático-estilístico) (Coimbra, 1937).

A ação do Doutor Boléo não se limitava ao campo estritamente acadêmico; preocupavam-no também o cultivo e preservação do idioma pela sociedade lusófona, guiado pelo mesmo propósito com que o Liceu Literário Português criou o Instituto de Língua Portuguesa. Neste campo escreveu o opúsculo *Defesa e ilustração da língua. A propósito do Instituto da Língua Portuguesa* (Coimbra, 1941).

Depois que o Brasil reuniu alguns dos seus melhores especialistas em torno da discussão da Nomenclatura Gramatical, o Doutor Boléo também congregou ilustres colegas portugueses e propôs uma Nomenclatura Gramatical Portuguesa.

Todavia, nesses últimos quase cinquenta anos o **opus magnum** do mestre coimbrão é, sem dúvida, a *Revista Portuguesa de Filologia*; iniciada em 1947, representa hoje, com o *Boletim de Filologia*, de Lisboa, o mais importante repositório de estudos lingüísticos e filológicos em língua portuguesa.

\*

A nossa querida colega Edith Pimentel Pinto, titular da área de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo, paulista de nascimento, revelou-se desde cedo uma excelente professora secundária nos melhores colégios da capital e, em 1970, foi convidada para ingressar no ensino universitário pelo então titular Segismundo Spina – outro excelente mestre de nossa seara. Nesse convite estava a sugestão de Dino Preti, um dos mais altos representantes da moderna geração de lingüistas da USP, companheiro das lides magisteriais de Edith e que, no dia seguinte ao falecimento da ilustre colega, na sessão de Congregação da FFLCH, lhe teceu, em comovidas palavras, o perfil acadêmico e humano.

Incansável nas suas pesquisas pessoais e na presença das pesquisas de seus alunos, Edith, tanto quanto Boléo, possuía o dom de descobrir talentos, e alguns hoje brilham no cenário do magistério universitário, dentro e fora da USP. Notabilizou-se por trabalhos sobre o modernismo brasileiro, que se tornaram imprescindíveis, como os dois alentados volumes de *O Português do Brasil – textos críticos e teóricos*, *A Gramatiquinha de Mário de Andrade – texto e contexto*, e *A língua escrita no Brasil*,



o vol. VI da coleção *História da Língua Portuguesa*, dirigida por Segismundo Spina para a Ática.

Pelo seu talento e competência foi convidada a exercer, entre 1964 e 1965, as funções de leitora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira na Universidade de Tübingen, na Alemanha.

Além de pesquisadora da palavra, Edith era também uma artista da palavra, e como prosadora e poetisa ganhou alguns prêmios literários e mereceu menções honrosas, como o 1º Prêmio Nacional de Poesia, na Bienal Nestlé de Literatura, com o volume *Sinais e Conhecenças*.

Colaboradora assídua da revista *Confluência*, do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, Edith Pimentel Pinto era para nós, que atuamos no Rio de Janeiro, o traço permanente de inteligência, de cultura e de amizade que une os dois Estados, na convicção plena de que a verdadeira Ciência está no trabalho honesto de todos os seus operários e no arroteamento de todos os campos.

O desaparecimento em novembro de Manuel de Paiva Boléo e Edith Pimentel Pinto faz-nos lembrar que algumas línguas eslavas – o tcheco e o polonês, por exemplo – designam esta quadra do ano com uma palavra que significa "a queda das folhas". Despojada de duas folhas está, assim, a árvore da Língua Portuguesa.

\*\*\*

O ano de 1993 não tem sido muito propício para a cultura luso-brasileira. Em janeiro, falecia em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, o Dr. Romeu Ritter dos Reis, fundador e presidente da Academia Brasileira de Língua Portuguesa. Fevereiro levou-nos Arthur César Ferreira Reis, um dos mais ilustres membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Março foi aziago para Portugal. A mesma semana arrebatou a poetisa rebelde Natália Correia, o historiador da literatura e cultura portuguesas, Antônio José Saraiva, e o ensaísta Antônio Quadros. E, entre nós, na quarta-feira da Semana Santa, era roubado ao convívio dos numerosos amigos o historiador Américo Jacobina Lacombe, Diretor Presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa.

O Dr. Ritter dos Reis foi sempre um apaixonado da língua portuguesa e daí ter dedicado grande parte da sua vida ao culto e cultivo da língua pátria. Muitos de nossos lingüistas vêem um tanto desdenhosamente instituições como a Academia fundada pelo Dr. Ritter dos Reis, por lhes faltar, segundo pensam, base científica. Contudo não se pode desprezar **ab initio** uma corrente de opinião que visa contrapor-se à desgramaticalização do padrão culto. É um dado objetivo que tem de ser tomado, cientificamente, em consideração.

Arthur César Ferreira Reis estudou com erudição e lucidez certos aspectos relevantes da história do Brasil, particularmente a região amazônica. Américo Jacobina Lacombe dedicou-se a pôr ao alcance dos estudiosos de nossa cultura a

contribuição poderosa de Rui e foi um dos mais conscienciosos e seguros conhecedores da historiografia brasileira.

Ferreira Reis e Jacobina Lacombe, tal como Pedro Calmon, sempre foram tidos como autênticos amigos do velho Portugal. E com toda a razão. Não se há de confundir, porém, o amigo com o historiador. Recorde-se a velha máxima **Amicus Plato, sed magis amica veritas**. Só que, neste caso, **Plato e Veritas** se confundem. Não foi o sentimento que tornou róseas as lentes com que ambos enfocaram a presença da gente portuguesa na formação político-social do Brasil. Ao contrário, foram os dados da realidade, descompromissadamente observados (como iria dar-se mais tarde com Gilberto Freyre) que os levaram a uma conclusão positiva relativamente ao processo conduzido por Portugal no chamado colonial de nossa História.

A esses grandes brasileiros, com seu preito de saudades, quer *Confluência* deixar o testemunho de uma gratidão e admiração que o tempo não poderá apagar.

\*\*\*

Já estávamos encerrando o material deste número de *Confluência*, quando nos chegou a notícia do falecimento do mestre e amigo Isaac Nicolau Salum, professor titular de Filologia Românica da USP, ocorrido na cidade de São Paulo, aos oitenta anos de idade.

Perde a Universidade de São Paulo um dos seus mais dignos mestres, pela vastidão de sua ciência e pelo calor humano que a todos contagiava.

O Prof. Salum era o modelo de sábio e santo, cujas lições não ficam apenas no que escreveu; ficam mais na lapidação da formação profissional e científica de grande parte do magistério secundário e superior que labuta neste Brasil, especialmente em São Paulo, muitos dos quais pertencem hoje ao que de melhor ostentam a investigação e a pesquisa entre nós.

Seus livros – representados pelas teses universitárias –, suas traduções e supervisões de obras básicas, seus gráficos que nos anteciparam alguns temas da lingüística textual, suas aulas e suas arguições de teses, seu coração sempre dadivoso e acolhedor, tudo isto fazia do Prof. Salum um mestre e um amigo.

Nascido em Altinópolis (Minas Gerais) aos 24 de março de 1913 e falecido na cidade de São Paulo aos 3 de maio de 1993, deixa-nos o amigo uma grande saudade, e o mestre, uma lição de vida totalmente dedicada às letras e à religião.

*Confluência*, no próximo número, voltará a falar da vida e obra desse consagrado professor; hoje são apenas desabafos pela perda dolorosa.

\*\*\*